



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A autonomia de Deus: um estudo semântico da palavra *nāham* em Gênesis 6.6

The autonomy of God: a semantic study of the word *nāham* in Genesis 6.6

José Jacinto de Ribamar Mendes Filho*

Resumo

Este ensaio tem como objetivo propor uma reflexão a respeito da imutabilidade e o arrependimento de Deus: pois Deus sendo imutável, também é sujeito que se arrepende. Estudando os conceitos sobre imutabilidade e o arrependimento de Deus, o texto partirá do pressuposto da autonomia de Deus. O breve tratado dos conceitos terá que considerar o estudo das palavras *nāham* e *shuv*, mediante uma abordagem gramático-literária, que observará o discurso sobre Deus e sobre o homem/mulher, no que se refere ao arrependimento. Fazer um estudo semântico da palavra *nāham* partindo da comparação das traduções Almeida Revista e Atualizada (ARA), Nova Versão Internacional (NVI), e Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH).

Palavras-chave

Imutabilidade. Arrependimento. Autonomia. Estudo Semântico.

Abstract

The purpose of this essay is to reflect on God's immutability and repentance: for God, being immutable, is also subject to repentance. Studying the concepts of immutability and repentance from God, the text will start from the assumption of God's autonomy. The brief treatise of concepts must consider the study of the words *nāham* and *shuv*, through a grammatical-literary approach, which will observe the discourse about God and about man/woman, as far as repentance is concerned. To make a semantic study of the word *nāham* starting from the comparison of the Revised and New Revisions (ARA), New International Version (NIV), and New Translation of the Language of Today (NTLH).

Keywords

Immutability. Repentance. Autonomy. Semantic Study.

[Texto recebido em maio de 2016 e aceito em dezembro de 2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Bacharelado em Ciências Teológicas. Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Mestrando em Teologia Bíblica do PPG-EST. Manaus/AM, Brasil. jacintodefelho@hotmail.com

Introdução

Neste texto serão tratados os assuntos relacionados a Deus, um estudo sobre o arrependimento descrito em Gênesis 6.6 e o conceito imutabilidade de Deus. Desse modo, foi necessário fazer um breve estudo semântico sobre a palavra *nāham*, estando esta vinculada ao texto de Gênesis 6.6. Ao verificar a existência de debates envolvendo a questão de Deus não se arrepender porque é dotado de imutabilidade, resolveu-se estudar o problema a partir da principal ocorrência que trata do arrependimento, a saber, Gênesis 6.6, e concluir através do estudo que é possível Deus se arrepender e continuar imutável na sua essência e substância. Para isso será necessário abordar a palavra *nāham* sob o grau verbal *niphāl*, e ainda, utilizar o método comparação das traduções para analisar o verbo em três versões bíblicas: Almeida Revista e Atualizada (ARA), Nova Versão Internacional (NVI) e Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH).

Durante os primeiros achados bibliográficos que resultaram na pesquisa sobre a imutabilidade do Deus que se arrepende, decidiu-se primeiro analisar a ocorrência de Gênesis 6.6, na qual aparece o verbo arrepender-se (*נָחַם* - *nāham*), e segundo, mencionar as afirmações da Teologia Sistemática e Teologia Bíblica sobre o assunto. Depois disso, chegou-se a conclusão de que Deus não podia ser submetido à inflexibilidade e à ideia sobre imutabilidade, pois se fosse assim, Deus estaria enforcado nas ideias filosóficas e subjetivas da Teologia Sistemática, sem ter liberdade para usufruir de seus atributos, ou seja, Ele estaria entrelaçado no conceito de heteronomia¹. Essa controvérsia desencadeou-se numa série de pesquisas, incentivando a estudar o texto de Gênesis 6.6, analisar a palavra *nāham* e suas variantes, responder o porquê Deus é imutável, se em Gênesis 6.6 diz que Ele se arrepende. Logo, chegar-se-á a resposta a esta pergunta que não quer calar.

A imutabilidade de Deus como atributo da sua autonomia

A Teologia Sistemática propõe um estudo sistemático e metodológico das Escrituras Sagradas, desenvolvendo as doutrinas bíblicas e incorporando em seu sistema toda a verdade a respeito de Deus e do universo². Porém, essa ciência é distinta da Teologia

¹ Cf. "Condição de pessoa ou grupo que recebe de outrem a lei a que se deve submeter". Em outras palavras, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo, SP: Editora Positivo, 2010. p. 396.

² Essa tarefa parece ser um pouco pretensiosa. Contudo, a tarefa sistemática conforme Paul Tillich resume-se simplesmente em: "a tarefa da Teologia Sistemática é explicar os conteúdos da fé cristã". TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 50.

Bíblica³, uma vez que esta retira seu material somente da Bíblia⁴, utilizando como método, a investigação⁵ dos fatos históricos, sociais e éticos.

A palavra imutabilidade⁶ (ιμταβιλιδαδε), segundo Aquilino de Pedro, é a “Propriedade de não mudar. Deus é imutável por excelência: não pode mudar perdendo algo do que tem e, por ser perfeito, não pode também adquirir nada novo”.⁷ Sendo assim, Deus é imutável em seu Ser, em seus propósitos e em suas promessas. Sua veracidade é imutável, pois Ele não pode mentir (Tito 1.2). Sua santidade não pode ser emporcalhada e nem desprestigiada. Certamente existem registros de que o Deus das Escrituras Sagradas possui perfeição no seu Ser, o qual consiste em essência e substância, intelecto, vontade e emoções. Estes registros bíblicos revelam a sua plenitude, mesmo que neles não esteja sua total expressão.

Deus não depende do tempo, sendo atemporal e imensurável, Ele permanece indeterminado. Porquanto, a sua transcendência como também a sua Onisciência, Onipresença e Onipotência, são atributos difíceis de serem compreendidos e assimilados, por isso Ele é imutável em seu Ser. Ora, e quanto a sua liberdade em está onde desejar? A Teologia Sistemática dirá que em Deus não há ausência de onipresença, pois Ele está em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando é dito que Deus desce á terra e vive entre os homens/mulheres, não significa que Ele se deslocou de lugar, mas sim, é o Espírito Santo que o representa neste novo local. Isso é possível porque em todo caso, tudo o que Deus é, está alinhado com todos os seus atributos. Ele é todos os seus atributos ao mesmo tempo, isso faz dele o Deus essencial, ou seja, seus atributos é a sua estrutura.

A respeito disso, Paul Tillich⁸ será coerente com o que foi dito sobre a ação de Deus através de seus atributos, o qual considera a onipresença de Deus algo que supera o espaço

³ Essa ciência será abordada mais adiante, a qual será objeto de estudo e comparação à Teologia Sistemática (esta representa a filosofia), sendo este o principal objetivo deste artigo: “Propor para a teologia bíblica a partir de uma análise dos textos de Gênesis 6.6 e Números 23.19, desmascarando os desafios que há entre a filosofia e teologia, uma ampla contribuição sobre os conceitos da imutabilidade e o arrependimento de Deus”.

⁴ Cf. Chafer, ‘A Teologia Bíblica designa uma ciência que tem como alvo investigar a verdade a respeito de Deus e seu Universo com seu desenvolvimento divinamente ordenado e o ambiente histórico, como está demonstrado nos vários livros da Bíblia. A Teologia Bíblica é a exposição do conteúdo doutrinário e ético da Bíblia. Ela não é um substituto para a Teologia Doutrinária ou Ética, mas é a sua contraparte histórica. Ela é a consideração histórica da verdade bíblica como foi originalmente dada em sua proclamação profética’. CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. 1 ed. v1,v2; São Paulo: Hagnos, 2003. p. 48.

⁵ Um novo método usado nas investigações bíblicas é a Arqueologia, que nem sempre é considerada ciência, mas colabora com a pesquisa desde a metade do século 21. Por isso, indicamos a leitura de KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.

⁶ Literalmente a imutabilidade é um aspecto daquilo que é permanente, onde não há possibilidade de haver acréscimo ou diminuição. Porém, a filosofia atribui unicamente à divindade esse conceito que expressa plenitude e perfeição.

⁷ PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. São Paulo: Editora Santuário, 1993. p. 145.

⁸ Cf. Tillich, ‘A onipresença de Deus supera a angústia de não ter um espaço próprio e nos confere a coragem de aceitar as inseguranças e angústias da existência espacial. Na certeza do Deus onipresente, sempre

geográfico. Daí, a perspectiva de Tillich faz sentido, uma vez que não há prescritas normas ou estatutos que possam servir como critérios para uma adoração ritualística em locais pré-definidos, nem assim, há nas escrituras sagradas algo dessa natureza.

Como o homem/mulher deve reagir diante de situações em que Deus aparece com total liberdade, a ponto de se arrepender do que fez? (“Gênesis 6.7 - [...] Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito”). Quanto ao episódio em que Deus se arrepende de ter posto Saul como rei em Israel? Esses casos e ainda outros mais, serão tratados com mais profundidade adiante.

Thomas Watson alega que o arrependimento é atribuído a Deus de forma figurativa, como se nas ações divinas pudesse haver mudanças, mas não na sua vontade, Ele chega até a pensar em mudar, mas não efetua tal mudança.⁹ Desse modo, a Teologia Sistemática dirá que Deus muda sua metodologia de ação, contudo, não muda sua palavra final ou decreto. Portanto, se houver vestígios d’Ele mudar ou retroceder, isso não passará de linguagens metafóricas, afirma Thomas Watson.

O teólogo sistemático Lewis Sperry Chafer de forma clara afirmará que¹⁰ Deus não muda, pois sua imutabilidade é a qualidade de existência e que Nele não há possibilidade de haver mudança em sua integridade. E ainda, o mesmo não pode se remover e nem ser removido, *a não ser, por sua própria vontade*. No aspecto de Santidade, Deus não está sujeito a acréscimo ou decréscimo, nem deve ser atingido. Sua pureza consiste em integridade, elegância e honra, pois não está sujeito à decadência. Seu conhecimento e seus planos, seus princípios morais e suas volições, permanecem sempre os mesmos, além disso, suas promessas também não mudam¹¹, uma vez prometido algo, Deus não será infiel a essa promessa. Mas como fora dito, Deus não será infiel às suas promessas, mas, contudo, *Ele será fiel à sua vontade*.

estamos em casa e fora de casa, enraizados desarraigados, em repouso e em busca, assentados deslocados, conhecidos em um único lugar e desconhecidos em todos os lugares’. TILLICH, 2005, p. 282.

⁹ WATSON, Thomas. *A fé cristã: estudos baseados no breve catecismo de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

¹⁰ Cf. Lewis Sperry Chafer, ‘a imutabilidade é o estado ou qualidade de existência que “não é suscetível de mudança, seja para aumento ou para diminuição, pelo desenvolvimento ou por auto-evolução; imutável, invariável, permanente; como Deus é *imutável*’’. CHAFER, 2003, p. 241.

¹¹ Cf. Laubach, “A promessa de Deus anuncia uma herança, um bem futuro, sendo por isso objeto da esperança humana. Contudo a esperança da fé não é nenhuma fantasia, mas apóia-se na promessa de Deus e em seu juramento, “**duas coisas imutáveis**”. A palavra de Deus sozinha já seria suficiente para nós. Ocorre que Deus se comprometeu de uma forma extraordinária a cumprir o que prometeu”. LAUBACH, Fritz. *Carta aos Hebreus: comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000. p.106.

O arrependimento de Deus como expressão de sua autonomia

No Antigo Testamento há duas palavras que são traduzidas por ‘arrependimento’. Uma delas é usada justamente para falar do arrependimento do homem/mulher, mas também é empregada para se referir ao arrependimento de Deus. A primeira é *Shuv* (שוב) que significa “voltar atrás” ou “virar para trás”, apontando para uma humanidade fraca e pecaminosa que se converte dos maus caminhos, assim, a palavra “conversão” significa “voltar atrás ou retroceder”. Portanto, *Shūv* e conversão são palavras que denotam semelhanças no sentido e no significado. A segunda palavra é *nāham* (נחם) que significa “sentir pesar” (ARA - Gênesis 6.6 - “Então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe *pesou* no coração”), por isso a palavra *pesar* denota o arrependimento divino por ter feito o homem/mulher.

As Escrituras Sagradas são como lâmpadas que iluminam a mente e oferecem lugar à direção e a competência que vem do alto, pois elas são capazes de orientar o homem/mulher para o caminho da relação com Deus. Esse encontro fatídico torna a relação Deus e o homem/mulher ainda mais real e não metafórico. Esse estreitamento humano ao divino remete o ser mortal à divindade transcendente de tal forma, que é impossível não se deparar com um Deus tão poderoso em decreto assim com tanta realidade.

Conforme Urbano Zilles, “O problema de Deus é, em última análise, o problema do próprio homem¹² e do sentido de sua vida”.¹³ Nesta perspectiva, pode-se dizer que o homem/mulher não podendo encontrar Deus pela abordagem racional, o achará pelo método intuitivo, espiritual e místico, pois este indivíduo assim tentará de todas as formas fazer valer a sua fé pessoal na existência de Deus. Por isso a questão de Deus é um problema da humanidade, no sentido de encontro interior, não dependendo esse encontro de laços institucionais, mas apenas da subjetividade pela fé.

Sobre isto afirma o grande pensador espanhol Xavier Zubiri, que escreveu: “O problema de Deus, enquanto problema, não é um problema qualquer, colocado arbitrariamente pela curiosidade humana, mas é a própria realidade humana em seu constitutivo problematismo”¹⁴. Logo, o homem/mulher tentará basicamente buscar a todo custo se possível, compreender o porquê Deus é imutável, se as ocorrências do verbo arrepender-se são evidentes nos textos bíblicos. Também se tentará compreender o porquê Deus se arrepender, se os registros bíblicos comprovam o contrário.

¹² Neste artigo será usado sempre, apesar de o mesmo utilizar citações de autores da forma como estão no texto original, a linguagem inclusiva. Portanto em lugar de homem, usar-se-á homem/mulher ou ser humano.

¹³ ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. 2 ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1997. p. 9.

¹⁴ Cf. Xavier Zubiri, no seu livro: ZUBIRI, Xavier. *El problema teológico del hombre*, Teología y Mundo, Madrid, Cristiandad, 1975, p. 57.

A problemática que surge entre a relação humana e divina é a dificuldade do primeiro em alterar a imagem do SENHOR. Esse pensamento de Deus parado num canto e parecendo ter uma plena misericórdia em toda eternidade, parte da tradição judaica, pois consideram Deus sempre dotado de uma bondade piedosa. Contudo, erram ao comparar Javé como Deus ingênuo e compassivo de generosidade para com todos. Essa dificuldade em conservar a divindade sempre generosa e exclusivamente atribuída ao conceito imutável, não ganha vitalidade nas próprias palavras das Escrituras, uma vez que se encontra lá, textos que apontam para um Deus que se arrepende e possui liberdade para voltar atrás quando bem entender, sem que isso o torne mais fraco ou forte, menor ou maior, mas o mantém com autoridade e supremacia. Pois certamente, Deus é atribuído de imutabilidade, como também de total liberdade¹⁵ para decretar e desordenar decreto, ou seja, tem-se o “Deus que é imutável e que se arrepende”.

A seguir algumas ocorrências bíblicas que dizem respeito ao arrependimento de Deus: (Jeremias 18.8 - “... Se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe” - ARA). No v. 10, onde se ler: (“... Se ele fizer o que é mau perante mim e não der ouvidos à minha voz, então, me arrependerei do bem que houvera dito lhe faria” - ARA). Aqui há dois exemplos bem diferentes que fazem parte da mesma narrativa do livro do profeta Jeremias, onde a primeira afirmativa sobre Deus, diz que este se arrependerá do mal que havia pensado em fazer, caso a nação se convertesse de suas maldades. E a segunda afirmativa, o texto nos diz que Deus também se arrependeria do bem que iria fazer, caso a nação não se arrependesse de suas maldades. Sendo assim, a Escritura é clara ao dizer que Deus se arrepende de suas ideias e promessas, do bem que iria fazer e do mal que pensou em fazer, mas não fez.

No evento de Nínive, a qual Deus destruiria por completo, a nação carece de misericórdia divina, tanto que os príncipes e pessoas daquele lugar apregoam um jejum, e tudo isso graças ao empenho do profeta Jonas.¹⁶ Com isso, os reis e seus grandes promulgam um decreto onde todos os ninivitas deveriam movimentar-se penitencialmente para que o Deus do profeta Jonas agisse de compaixão. Conforme Nelson Kilpp, “O decreto real conseguiu que toda a população se convertesse de seus atos perversos e violentos. Deus viu esta mudança radical na vida das pessoas e voltou atrás em sua decisão de destruir a grande e má cidade (Jonas 3.10)”.¹⁷

¹⁵ Para um aprofundamento sobre a liberdade de Deus no Antigo Testamento, sugiro a leitura do teórico SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 101.

¹⁶ “E esse é o principal enigma do livro: apesar de toda a sua desobediência, Jonas permanece um personagem de quem Deus se serve soberanamente. Foi por causa dele que os marinheiros se deram conta de Javé e foi por causa dele que os ninivitas chegaram ao arrependimento”. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. v1,v2 - São Paulo: Aste/Targumim, 2006. p. 710.

¹⁷ KILPP, Nelson. *Jonas*. Petrópolis/RJ: Vozes; São Leopoldo/RS: Sinodal, 1994. - (Comentário bíblico), p. 110.

Considera-se o texto de Jeremias 18.7-10¹⁸ como apoio ao quadro de ocorrências que fundamentam o arrependimento de Deus, onde é destacada a questão da liberdade divina e que por duas vezes Deus é apresentado usando o verbo “arrepender-se”. Aqui Ele está dizendo que em certas situações alterará seu modo de procedimento e o que determinará esta mudança é o comportamento de uma nação humana. Em outras palavras, depois de anunciar sua intenção de julgar (vs.8) ou de abençoar (vs.10) uma nação, Deus ficará observando seu comportamento e, caso haja uma mudança significativa neste comportamento, Ele modificará sua própria decisão prévia sobre o que iria fazer a esta nação. Um argumento bastante convincente a respeito do arrependimento de Deus está na perspectiva de Ralph Smith, que diz, “O arrependimento de Deus no Antigo Testamento ancora-se no conceito de sua liberdade”.¹⁹ Porém é notável que somente Deus²⁰ tem a liberdade de emitir um decreto e somente Ele é capaz de desfazer esse decreto no sentido de melhorar ainda mais a sua proposta.

Antes de concluir sobre o “*Deus que se arrepende*”, vale destacar por meio de algumas linhas, sobre a complexidade que há no processo de interpretação dos textos bíblicos e a relevância das ‘constantes e variações’.²¹ São poucos os indivíduos que se preocupam em obter conhecimento acerca de Deus, isso com assuntos relacionados aos atributos divinos, pois é complexo fazer ligação entre *tradição* e *experiência*. Pois a experiência se relaciona a subjetividade, ao sujeito intrínseco, envolvendo o misticismo e o eventual transcendentalismo. E esse evento diz respeito à experiência individual, já que a tradição pode ser a Escritura Sagrada, isso sem contar com os costumes e ritos padronizados.

No processo de interpretação das Escrituras, há dois elementos importantes que influenciam o olhar reflexivo durante a análise dos textos. O primeiro é chamado de constantes, e o segundo, de variações: constantes é a tradição da escrita ou o conjunto de livros que formam a Bíblia Sagrada; variações são os métodos utilizados na abordagem dos textos bíblicos (Tradição, experiência, confiança em abordagens e comunidades cristãs.), pois são assim chamados porque variam a partir do intérprete.

A interpretação traz consigo nesse processo as *Escrituras* como propriamente dita ‘tradicional’ e que a partir dela, surgirão outros métodos interpretativos oriundo de

¹⁸ “No momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino para o arrancar; derribar e destruir, se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe”.

¹⁹ SMITH, 2001, p. 101.

²⁰ “Os deuses pagãos das nações vizinhas de Israel careciam dessa liberdade. Uma vez que falassem ou emitissem um decreto, eram impotentes para alterar de algum modo o feito. Era diferente com o Deus de Israel. Ele sempre se mantinha Senhor dos próprios propósitos. Ele mantinha aberta a opção de mudar seus decretos sempre que a situação garantisse tal mudança”. KELLEY, Page H. Isaiah. *The Repentance of God*. Biblical Ilustrator 9. Nashville: The Sunday School Board, 1982. p. 13.

²¹ Esses dois termos constantes e variações foram criado por mim, quando a intenção é apenas definir aquilo que ocorre constantemente num processo e aquilo que varia conforme a interpretação de cada um. Ex. Escrituras não variam, mas estão em constante observação, porém a abordagem pelo intérprete varia de pessoa para pessoa.

diferentes fontes de estudos e pesquisas, como a filosofia, biologia, matemática e as demais ciências. Portanto, se Deus inspirou autores a escrevê-las, este não as criou com o propósito de serem científicas, porém, as *Escrituras* tornaram-se fonte científica sem intenção alguma, isso acontece de forma natural até hoje.

A 'experiência' tratada neste breve ensaio, não se refere ao processo empírico, mas unicamente do encontro do indivíduo com sua fé ou experimento místico, onde este indivíduo se depara com a sua espiritualidade. Essa experiência, como foi dito anteriormente, possui sua própria complexidade comparada às *Escrituras*.

A comunidade de fé tem a missão de compreender, isso através da hermenêutica, e ser compreendida também por outros que passarão como intérpretes. Da mesma forma é a confiança em métodos, que faz parte desse processo de interpretação, uma vez que a confiabilidade na metodologia poderá colocar em risco a vitalidade das *Escrituras Sagradas*.

Embora tenha sido apresentado um desdobramento acerca da imutabilidade do Deus que se arrepende, de modo que conseguimos compreender que Ele é imutável em sua integridade e que possui a liberdade de fazer o que quiser, ainda existe um fator que não pode ser ignorado, mas trazido a essa discussão, a saber, a ação de indagar porque Deus se arrepende. Sendo assim, surge a pergunta: porque Deus se arrepende? Para conseguir a resposta a esta pergunta, será preciso chegar ao entendimento de que a tradição como *Escritura*, a experiência mística pessoal, a confiança em métodos e abordagens, deverão fazer parte da vida desse intérprete indagador.

Um estudo semântico da palavra *nāham* em Gênesis 6.6

Para facilitar o entendimento acerca do arrependimento de Deus em Gênesis 6.6, pensou-se em elaborar um estudo da palavra *nāham*, que traduzida, significa arrepender-se. Com este objetivo, foi realizada a comparação das traduções Almeida Revista e Atualizada (ARA), Nova Versão Internacional (NVI) e Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH), tendo como cerne do estudo apenas a palavra *nāham*, isso sem descartar a importância das outras palavras.

בראשית 6:6 וַיִּנְהָם יְהוָה כִּי־עָשָׂה אֶת־הָאָדָם בָּאָרֶץ וַיִּתְעַצֵּב אֱלֹהִים:

Gênesis 6.6

^{ARA} Gênesis 6.6 então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

^{NVI} Gênesis 6.6 Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra; e isso cortou-lhe o coração.

^{NTLH} Gênesis 6.6 ficou muito triste por haver feito os seres humanos. O SENHOR ficou tão triste e com o coração tão pesado, [...].

Bastando apenas uma primeira leitura do texto de forma atenciosa para identificar as diferenças existentes nas três traduções. Logo é fácil observar na versão ARA a presença da palavra “se” (“então, se...”), que ao contrário da versão NVI, representa uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, integra de forma visível a oração. Já a palavra ‘se’ usada pela versão NVI, nota-se que ela já não aparece na sua estrutura visível: NVI – (Então o Senhor “arrependeu-se”). Veja que nesta tradução a palavra ‘se’ aparece integrada juntamente ao verbo arrepender-se e não separadamente do verbo.

O primeiro incidente da palavra arrependimento aparece em Gênesis 6.6. Este texto tem como sujeito o Senhor, o qual acaba sofrendo a ação do verbo sob o grau verbal niphál, tornando-se após essa ação verbal, sujeito passivo simples. Neste caso, a conjugação do verbo arrepender-se aparece na terceira pessoa do singular. A sentença acaba se referindo ao “pesar” de Deus, expressando mágoa, compaixão, desgosto, dor e desapontamento.

A tradução (ַׁׁׁׁׁׁ) *vaynâhem* é acompanhada pelo pré-fixo (ַׁׁ) *vay*, sendo este traduzido por “se”. *Vaynâhem* denota “se arrependeu”, que é usada pela versão ARA e tem como raiz verbal a palavra (ַׁׁׁ) *nâham*. Veja que após o arrependimento de Deus surge o sentimento de pesar, pois a junção das duas ações num processo em conjunto, representa a completude, como se a ação de se arrepender estivesse somente completa quando surgisse em conjunto com o pesar. Contudo, esse conjunto estaria incompleto caso o sujeito não sentisse tristeza pela reprovação humana.

A versão NTLH utiliza uma tradução mais moderna, dinâmica, clara, sendo vista quando a mesma usa a expressão triste para representar a palavra arrepender-se. Note que esta versão também leva a questão inclusiva muito a sério, ela utiliza a interpretação “seres humanos” (“ficou muito triste por haver feito os seres humanos”) para abranger todos os gêneros humanos, diferentemente das outras duas versões tratadas aqui, que utilizam a expressão homem.

Quando se faz a leitura do texto de Gênesis 6.6, em alguns casos surgem divergências tão bem fundamentadas, que acabam levando o texto a chegar a possíveis e variadas conclusões. Entre elas, duas merecem destaque: a Teologia Sistemática, que trata o verbo “arrependeu-se” apenas como uma figura de linguagem antropopática, através da qual o autor atribui a Deus sentimentos humanos, considerando Deus imutável a ponto de não estar sujeito ao arrependimento; a Teologia Bíblica declara ser possível e sustentável Deus estar sujeito ao arrependimento, assim como relata o texto de Gênesis 6.6.

O método teológico sistemático irá tratar esse assunto do arrependimento de Deus em Gênesis 6.6 apenas como sendo uma metáfora, certamente que sim, e basicamente, com essa afirmativa, não há dúvidas de que Deus realmente está isento de mutabilidade. Mas quanto a outros registros bíblicos que relatam o Deus que se arrepende?²² Tanto uma conclusão como a outra, a hipótese mais propícia seria aceitar o “Deus imutável e que se arrepende”.

Quanto a escrita, apesar de não haver indícios da escrita bíblica nos tempos pré-diluvianos, a fase histórica que pressupõe o surgimento da mesma, começa no Antigo Oriente já no início do primeiro milênio, mais precisamente em 950 a.C. Isso aconteceu somente num período do reinado de Salomão em pleno berço israelita, aonde tradições fixadas por escrito, apareceram em Israel de forma mais ampla a partir da época da monarquia; lembranças de épocas anteriores eram transmitidas oralmente, muitas vezes em forma de sagas. Assim, essas transmissões ajudariam na formatação da escrita bíblica, sendo uma delas, o texto do Gênesis 6.6.

A forma de atribuir a Deus emoções e sentimentos humanos pertence à paixão e o amor, os quais o extrato fonte Javista (J)²³ empregam no processo de produção da escrita. Portanto, esse documento (J) teria sido produzido por um profeta do Reino do Sul, por volta de 950 a.C., onde esse suposto autor seria um grande patriota e excelente narrador e estilista. E como característica peculiar, esse autor costuma usar o tetragrama (YHWH) como nome de Deus.

Pode-se encontrar de peculiar e característico também no estilo (J) de escrever, o nome Javé referindo-se a Deus ou o termo Senhor. Essas são peculiaridades de escrita dos (J), entre outros exemplos que se pode encontrar. Contudo, Sellin e Fohrer²⁴ afirmam explicitamente que em Gênesis, na perícopes do dilúvio, há uma mistura de duas tradições, a Sacerdotal (P)²⁵ e a (J), onde Gênesis 6.6 é atribuída a esta última. A perícopes, partindo da

²² Serão mencionadas apenas quarenta e seis ocorrências bíblicas que relatam o arrependimento de Deus, sob o grau verbal niph'al com os três significados diferentes, de acordo com Gerhard Lisowsky: 1) Mitleid haben (tem piedade); Bereuen (arrepender-se); To be sorry (se arrepender); To repent (a arrepender-se); Misereri (pena); e Poenitet alqm (insatisfeito) - Gn 6.6; Gn 6.7; Ex 13.17; Ex 32.12; Ex 32.14; Jz 2.18; Jz 21.6; Jz 21.19; 1Sm 15.11; 1Sm 15.29; 1Sm 15.35; 2Sm 24.16; Jr 4.28, 8.6, 18.8, 18.10, 20.16, 26.3; 26.13, 26.19, 31.19, 42.10; Ez 24.14; Jl 2.13; Ji 2.14; Am 7.3,6; Jn 3.9, 3.10, 4.2, Sa 8.14; Sl 90.13, 106.45 (a), 110.4; Hi 42.6; 1Cr 21.15. 2) Sich trösten (reconfortar); To be comforted (ser consolado); Se consolari (ele encorajou) - Gn 24.67; Gn 38.12; 2Sm 13.39; Is 57.6; Jr 15.6; Jr 31.15; Ez 14.22; Ez 31.16; Ez 32.31 (a); Sl 77.3. 3) Rache nehmem (vingue); To comfort oneself (para confortar a si mesmo); Satisfactionem (para proporcionar a satisfação) - Isaías 1.24. LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Privileg, 1958. p. 918.

²³ É difícil de saber em que época surgiu a tradição (J), pois falta toda e qualquer referência explícita ou data que comprove. Mas sua data tem sido colocada frequentemente próximo a 950 a.C. Época de Salomão, antes da assim chamada divisão do reino, 926 a.C. SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 53.

²⁴ SELLIN, E. FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Acadêmica/Paulus, v.1 e v.2, 2012. p. 205.

²⁵ Em se tratando da época de origem, se trata do extrato fonte mais recente do Pentateuco, apesar do material muito antigo que é utilizado. SELLIN E FOHRER, 2012. p. 256.

criação em Gênesis até a destruição da humanidade através do dilúvio, atribui-se a estrato fonte (J), mesmo havendo influências também da fonte Sacerdotal (P) em algumas passagens, mas especificamente Gênesis 6.6 é totalmente (J).

Em Gênesis 6.6, mais precisamente no v.6, “Ele se arrependeu” é usado no mesmo sentido em 1Samuel 15.11: “(ARA - Deus diz: Arrendo-me de ter posto Saul como rei”. Em contraposição, no mesmo capítulo, em 1Samuel 15.29 relata: “Ele não é um ser humano para se arrepender” (ARA - assim também em Números 23.19). Contudo, a problemática está contida na percepção do ser humano, em tentar compreender os dois textos e as vezes chegar a se confundir. Isso acaba deixando o leitor ainda mais confuso. Essa é a brecha deixada pelos autores dos textos, pelos escritores e tradutores.

Certamente é grande o grupo de pessoas que acreditam na influência racional subjetiva na hora de transmissão dos textos originais, resultando muitas vezes em acréscimos de textos. A Teologia Bíblica considera a questão literal dos textos muito severa, ainda mais quando se trata do arrependimento de Deus, que a mesma analisa devidamente a narrativa como ela está descrita, usando na maioria dos casos o método indutivo como análise. Portanto, se todas as passagens bíblicas que se referem a Deus como sujeito fossem encaradas como alegorias, então toda a Escritura será apenas alegoria.

A justiça e a retidão de Deus possui uma estreita relação com o arrependimento divino, essa temática constitui e abrange o conceito de misericórdia do Senhor. Embora a justiça tenha relação com algo correto e reto no procedimento, a retidão como justiça é a justiça divina. Esses termos muitas vezes são usados juntos. Afinal, ‘retidão e justiça’ são padrões convenientes para um relacionamento com Deus.

Numa comparação realizada entre *justiça* e *retidão*, veja o resultado deste confronto: a palavra justiça é um modo de agir, agir de acordo com critérios e normas já pré-estabelecidas; retidão aponta para uma qualidade da pessoa. Por isso, retidão vai além de justiça quando esta implica benevolência, gentileza, misericórdia e generosidade. A justiça é forma, condição de equilíbrio, é claro que a justiça de Deus é incomparável com a justiça de direito civil e humana.

Deus age com justiça divina e retidão generosa, sempre querendo o bem do homem/mulher. Contudo Deus se arrepende, e em seguida, caso o indivíduo venha propor uma mudança de vida para melhor, também agirá reciprocamente devolvendo a este indivíduo o que antes havia prometido, a saber, o perdão. Essa é a nova aliança que foi feita no coração do homem/mulher.

Como foi mencionado antes, visto que no texto de Gênesis 6.6 se trata do arrependimento de Deus, a Teologia Sistemática vai dizer que esse arrepender-se não é literal, mas apenas linguagens metafóricas. A partir dessa problemática, emerge o principal desafio entre as duas vertentes teológicas, pois numa visão tradicional, a ideia da

imutabilidade de Deus reforça o pensamento crítico contrário a Teologia Bíblica²⁶, de que esse deus imutável não interage com a humanidade. Portanto, é mais fácil acreditar que Deus é imutável e autônomo o bastante para ir e vir, ordenar e desordenar, de se arrepender e retroceder, pois quem é o ser humano para questionar sua autonomia soberana.

À vista disso, este artigo baseia seu pressuposto da “autonomia de Deus” na afirmativa de Martinho Lutero, o qual diz: “Deixem Deus ser Deus!”. Aqui Lutero recusou-se a submeter Deus ao tribunal da justiça humana como se a “Majestade, que é o criador de todas as coisas, tivesse de curvar-se a uma das escórias de sua criação”. “Deixem Deus ser bom”, dizia Erasmo.

Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi propor uma reflexão de que Deus sendo imutável também se arrepende, tendo como pressuposto a autonomia de Deus. Mas esse arrependimento divino não implica em Deus ser posto à fraqueza e as limitações, pelo contrário, consiste em ter autonomia para decidir, autonomia para desfazer a decisão, e autonomia para desfazer seus decretos, afinal, Deus é Deus.

A presente pesquisa apresentou importantes subsídios sobre a ideia da imutabilidade do Deus que se arrepende, principalmente após o desenvolvimento de um estudo semântico da palavra *nāham*, que facilitou a compreensão da ação do verbo arrepender-se sobre o sujeito Deus, afinal é Deus quem se arrepende.

Após a pesquisa, confirmou-se o pressuposto de que esse Deus possui autonomia e total livre arbítrio para fazer o que bem entender, pois sabe-se agora, que este possuidor de atributos eternos, não está sujeito a limitações humanas e que é improvável afirmar que Ele é imutável em suas ações e decisões. É Imutável sim! Na essência e natureza, mas é livre para ir e vir, mudar de opinião e voltar atrás, se arrepender quando bem entender.

Finaliza-se este artigo citando Tiago 4.14,15 que diz, “Vós sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida?... Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo”. Deste modo, o Senhor não está na dependência de ninguém, pode ser imutável em substância e essência, mas a sua soberania lhe dá o direito de ser livre e dependente do “conselho da sua própria vontade”. Em todo caso, autonomia de Deus está acima do conceito de imutabilidade.

²⁶ Entre outros divergentes está o teísmo clássico, cujo o pensamento surgiu a partir da filosofia do processo.

Referências

- BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. 1984.; COSTECALDE, Claude-Bernard. *A Bíblia ilustrada da família*. London: Dorling Kindersley, Santiago: Editorial Amereida, 1998.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. 1 ed. v1,v2; São Paulo: Hagnos, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo, SP: Editora Positivo, 2010.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- KELLEY, Page H. *Isaiah. The Repentance of God*. Biblical Illustrator 9. Nashville: The Sunday School Board, 1982.
- KILPP, Nelson. *Jonas*. Petrópolis/RJ: Vozes; São Leopoldo/RS: Sinodal, 1994. – (Comentário bíblico).
- LAUBACH, Fritz. *Carta aos Hebreus: comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000.
- LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Privileg, 1958.
- PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. São Paulo: Editora Santuário, 1993.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. v1,v2 – São Paulo: Aste/Targumim, 2006.
- SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SELLIN, E. FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Acadêmica/Paulus, v.1 e v.2, 2012.
- SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Ed. Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia Sagrada Nova Tradução da Linguagem de Hoje*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- STRECK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia Marta. *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2 ed. Revista e atualizada. São Leopoldo: Faculdades EST.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WATSON, Thomas. *A fé cristã: estudos baseados no breve catecismo de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. 2 ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1997.

ZUBIRI, Xavier. *El problema teológico del hombre*, Teología y Mundo, Madri, Cristiandad, 1975.